

RESSIGNIFICAÇÃO DA LINGUAGEM DOCUMENTAL: NARRATIVAS HÍBRIDAS E MÍDIAS DIGITAIS

Hugo Cardoso Brandão Peixoto
PPGACV - FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Este artigo tem como intuito discutir a expansão do conceito de documentário, e a postura muitas vezes incoerente de gênero, com relação aos novos processos narrativos híbridos que utilizam mídias digitais, visando contextualizar as novas possibilidades de representação da ótica documental. Com base nas múltiplas formas de produção audiovisuais contemporâneas, marcadas pelo desenvolvimento contínuo das tecnologias digitais de produção e manipulação das imagens.

Palavras-Chave: Narrativas Híbridas; Mídias Digitais; Cinema Documental.

Abstract

This paper has the intention to discuss the expansion of documentary concept, and the often incoherent posture of gender, regarding the new hybrid narrative processes that use digital media, aiming to contextualize the new possibilities of documental perspective representation. Based on the multiple forms of contemporary audiovisual production, marked by the continuous development of digital technologies in production and manipulation of images.

O ato de contar histórias é algo inerente ao ser humano e a vida em sociedade, Janet H. Murray (2003), considera a narrativa um de nossos elementos cognitivos primários na compreensão do mundo. Desde os primórdios o homem transmite suas tradições, cultura e conhecimentos através de narrativas, porém, com os adventos de inovadores aparatos tecnológicos, o modo de se contar uma história vem sendo modificado e potencializado, se desdobrando em numa infinidade de possibilidades, onde podemos enquadrar o cinema como um grande contador de histórias da contemporaneidade.

As novas tecnologias de comunicação e informação, ou as novas mídias, abriram-se também para as possibilidades de contar histórias (GOSCIOLA, 2003, p.19).

Em um passado não muito distante víamos pais lendo livros para seus filhos na hora de dormir, hoje temos à nossa disposição uma variedade enorme de opções, como, DVD, internet, videogame, celular, etc. Aliás, em muitos casos, é possível até mesmo interagir com o enredo. Isso pode ser aplicado a diversas áreas inclusive o cinema.

O surgimento e desenvolvimento constante de novas mídias geram inúmeras e inovadoras formas de se apresentar um conteúdo. O aprimoramento dos aparatos tecnológico possibilita que se façam reestruturações e reconstruções nas narrativas.

O cinema, com pouco mais de cem anos, é um processo artístico relativamente jovem, porém configurou-se como um campo rico e privilegiado de reformulação dos próprios conceitos gerais de arte. Ao vermos um filme participamos tão vivamente de seu espetáculo, que muitas vezes, transgredimos as barreiras da realidade, vivenciando intensamente as mesmas emoções projetadas na tela.

O cinema tem sua origem nos processos técnicos fotográficos, do início do século XIX e vêm se aprimorando através do progressivo desenvolvimento da tecnologia, dos processos criativos e das linguagens narrativas.

No dia 28 de dezembro de 1895 foi realizada no Grand Café em Paris a primeira exibição comercial cinematográfica, realizada pelos irmãos Lumière, onde se exibiu dois pequenos filmes, “Empregados deixando a Fábrica Lumière” e “A Chegada do Trem à Estação Ciotat”. Eram filmes curtos, que registravam a vida cotidiana, sem qualquer técnica narrativa, no entanto, causaram um enorme choque social. A cena da locomotiva chegando à estação foi tão impactante que muitos espectadores pularam de suas cadeiras assustados (BERNARDET, 1980, p.12). Este fato histórico é aceito mundialmente como o marco inicial do cinema, e considera os irmãos Lumière como os “pais” do cinema. Os irmãos Lumière ainda fizeram mais uma série de outros filmes, todos com o mesmo caráter documentário, além da comédia *The Sprinkler Sprinkled*, dando início a novos processos de construção narrativa.

Para entendermos melhor a linguagem documental, daremos início nos perguntando: o que é documentário? Quais conceitos a cerca de sua prática o diferem das narrativas ficcionais? E até que ponto essas fronteiras conceituais podem ser reestruturadas? Fernão Ramos conceitua o documentário da seguinte maneira:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados (RAMOS, 2008, p. 22).

Para iniciarmos nossa discussão acerca do documentário e suas fronteiras, devemos por base lembrar que a técnica do filme se dá a partir de 24 fotogramas por segundo que passados em uma determinada velocidade criam em nossa mente a sensação de movimento. Assim sendo, o filme em sua essência técnica se torna um processo ilusório. Dito isso, o intuito deste artigo não é entrar em questões etimológicas, tão pouco buscar definições ou respostas sobre questões relativas a gênero, pois essas perguntas ainda causam muita discórdia no campo cinematográfico, levando em consideração o grande desdobramento que ela pode apresentar; mas sim a partir destes questionamentos, propor uma discussão no campo da cultura visual, a respeito das representações contemporâneas da ótica documental, englobando as atuais plataformas midiáticas.

Novos modelos narrativos e a inter-relação de assuntos distintos geram possibilidades de expressões artísticas únicas, resultando em um hibridismo da arte.

A bagagem cultural do cinema compartilhada pela sociedade, segundo Baudrillard (1991), ressalta a distinção entre documentário e ficção, gerando confusão quando vemos processos narrativos que extrapolam essas fronteiras, onde os diretores mesclam estéticas, brincando com as ideias estabelecidas por essa cultura.

O documentário, desde sua origem é relacionado primordialmente à sua visão assertiva sobre a história e questões do mundo vivido, sendo assim pode ser entendido, dentro de um preconceito como sinônimo de verdade. Tendo em vista este impasse com que o documentário se relaciona, o maior estímulo para se discutir e pensar a narrativa do cinema documental, é o desafio de não cair no lugar-comum, reproduzindo um discurso centrado na objetividade, refém da neutralidade. Ao mesmo tempo, tendo em vista que a noção de ficção esta posta como oposição a verdade, gera um segundo problema ao se trabalhar a narrativa do documentário, pois sabemos que há algum tempo ela deixou de ser entendida como apenas um paradoxo da narrativa ficcional. A respeito destas questões Fernão Ramos afirma que:

Ao localizar o documentário no eixo de uma visão inocente da representação da realidade, carregada com o viés especular, transfere-se para fora deste campo, o universo da representação, que traz em si um posicionamento moderno, contemporâneo, do sujeito em interação com o mundo que lhe é exterior, constituindo e dando ensejo à atividade de representação (RAMOS, 2001, p. 198).

Considerando o pensamento de Ramos (2011), uma das vertentes mais fortes da ideologia contemporânea é exatamente a ênfase na justaposição de fronteiras e o destaque na incoerência de se estabelecer conceitos e categorias definidas. Segundo Fogliano (2008), o hibridismo, ou a miscigenação da arte

com outros processos artísticos, multiplica as expressões artísticas enriquecendo nossas experiências sensoriais ampliando assim nossa percepção para novos padrões na natureza, inclusive a cultura. Os novos dispositivos narrativos, derivados da comunicação entre arte, ciência e tecnologia, representam a arte do presente, onde possibilidades de linguagem se expandem e padrões originais de interação com o trabalho artístico são criados. Direcionando a ótica documental, a uma renovação da percepção e relação com o meio, dão origem a formas mais contemporâneas de representação do mundo vivido.

Se toda arte é feita com os meios do seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidade e saberes do homem do início do terceiro milênio (Machado, 2010, pg. 10).

A tecnologia tornou-se uma grande aliada dos artistas contemporâneos, no desbravamento de novos campos do conhecimento, Fogliano (2008) afirma que, a complexidade de nossas representações não se dá por sua materialidade, mas sim, sua processualidade, e destaca que a interatividade, a inteligência, e a emergência no sentido de surgimento, compõem a “matéria-prima” da arte nos tempos atuais. Fazendo uso das novas plataformas e recursos tecnológicos contemporâneos como uma forma de enriquecimento processual do cinema.

Entender o documentário e suas inúmeras potencialidades comunicativas é um primeiro passo para compreender este cinema, e desvincula-lo da limitação de apenas fazer enunciados sobre o mundo vivido. Mais do que representar algo, a ideia de enunciação no documentário traz consigo questões de subjetividade, que englobam expressões artísticas variadas.

O cinema documentário transmutou-se ao trabalhar com formas elaboradas que enriquecem o tratamento criativo sobre as ditas realidades do mundo. O que acontece é que estes padrões narrativos são alimentados a todo instante pelas novas produções e, portanto, o repertório de referência do campo do documentário está em constante modificação e expansão.

A respeito disso Bill Nichols, discute que o termo ‘documentário’ tem um conceito vago, pois as novas produções não são trabalhadas a cerca de um conjunto fixo de técnicas e de conceitos preconcebidos, muito menos de estilos e formas. Sendo assim o autor propõe que ao invés de instituir e difundir uma definição de documentário que solucione tais problemas conceituais, a melhor opção seria assumir o compromisso de “examinar os modelos e protótipos, os casos exemplares e as inovações, como sinais nessa imensa arena em que atua e evolui o documentário” (NICHOLS, 2012, p. 48).

As duas últimas décadas mostraram que a relação entre a arte, a ciência e a tecnologia tem provocado fascinantes experiências e transformações no âmbito da arte, que emprega meios computacionais e de telecomunicações, propondo mudanças radicais nos processos criativos, na percepção, no ambiente em que vivemos e no campo da estética.

Além de todas as oportunidades que os processos criativos contemporâneos nos oferecem para trabalhar novas formas narrativas, existe ainda há a possibilidade de transitar por diferentes plataformas tecnológicas, tais como o videogame, TV, Internet, celular. Segundo a pesquisadora Diana Domingues, “As modernas tecnologias estão afetando profundamente as estruturas ontológicas tradicionais do cinema e do filme” (2009, p.220).

Arlindo Machado defende que, a contemporaneidade vive o “pensamento da convergência” que consiste em um agrupamento entre diferentes segmentos culturais. Quando os seguimentos são muito reafirmados, a tendência é que se isolem, e com isso cria-se problemas nos processos de hibridização, que se dá exatamente pela relação entre eles. A divergência entre os segmentos pode ser improdutiva e limitante, sendo assim, provavelmente a melhor opção para que haja resultados de vanguarda seja justamente o “diálogo” entre os núcleos. Os vários círculos se sobrepõem se ajustam e se repetem (2007, p.64).

Este tempo presente de convergência dos meios, que se opõem aos antigos pensamentos divergentes, puristas, e, muitas vezes, fundamentalista, nos leva hoje a optar buscando visões inovadoras de hibridização, e fusão das estruturas (MACHADO, 2007).

Estamos diante de uma revolução das formas comunicativas, e da maneira como percebemos e entendemos a natureza, e a nos mesmos. Mas não podemos deixar de lado os novos paradigmas originados dessas mudanças. O processo de construção da realidade é constante, desde que começamos a raciocinar e nos comunicar a realidade está em uma incessante transformação e crescimento.

Por mais que as tecnologias digitais englobe as mais diversas mídias visuais, sonoras e verbais, a imagem ainda é predominante na comunicação humana e a forma como que o ser humano as utiliza para representar a realidade, está completamente conectada ao nosso modo de pensar essa realidade

Estávamos vivendo um período não apenas de imprecisão e hibridismo de seguimentos, mas, além disso, a perda da ingenuidade, uma etapa de consciência de que a “realidade”, a “verdade” e a “informação objetiva”, além de serem conceitos complexos, causadores de um amplo desconforto e polêmica na história da filosofia, não podem ser obtidas através de métodos simples de aproximação do mundo.

Tendo em vista a expansão e a multiplicidade das experiências que hoje acontecem provenientes desse amplo seguimento denominado documentário, é tempo de rever conceitos e preconceitos, a respeito do que pode ser enquadrado em sua linguagem. E principalmente, não utilizar esse termo de forma simplória e fundamentalista, como se ele instituisse algo claro ou preciso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREW, J. Dudley. *As principais teorias do cinema, uma introdução*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro - RJ, 1989.

BERNARDET, Jean-Claude, *O que é Cinema?*, Editora Braziliense, São Paulo, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações* Lisboa: ed. Relógio D'água, 1991.

COLI, J. *O que é Arte*. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo - SP, 1995.

DOMINGUES, D. (org.). *Arte, ciência e tecnologia, passado, presente e desafios*. Editora UNESP, Itaú cultural. São Paulo - SP, 2009.

DOS ANJOS, M. *Local/Global: Arte em Trânsito*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro - RJ, 2005.

FIELD, S. *Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. Editora Objetiva. Rio de Janeiro – RJ, 2001.

GOSCIOLA, Vicente, *Roteiro para As Novas Mídias – Do Game à TV Interativa*, SENAC SP, 2003.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2ª ed., Aleph. São Paulo – SP, 2009.

JULLIER, L; MARIE, M. *Lendo as Imagens do Cinema*. SENAC, São Paulo - SP, 2009.

MACHADO, A. *Arte e mídia*. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro – RJ, 2007.

MACHADO, A. *O Sujeito na Tela, modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. Paulus. São Paulo – SP, 2007.

MACHADO, A. “Novos territórios do Documentário” in: *Doc On-line*, n. 11, dezembro, www.doc.ubi.pt, 2011. p.5-24.

NICHOLS, B. *Introdução ao Documentário*. 5ª ed., Papirus. Campinas – SP, 2012.

RAMOS, F. P. Mas Afinal...o que é Mesmo Documentário?, Editora Senac, São Paulo, 2008.

SANTAELLA, L; ARANTES, P. (org.). *Estéticas Tecnológicas, novos modos de sentir*. Educ, São Paulo - SP, 2008.

XAVIER, I. (org.). *A Experiência do Cinema: antologia*. Edições Graal, Rio de Janeiro - RJ, 1983.

Minicurrículo

Hugo Cardoso Brandão Peixoto é Mestrando em Arte e Cultura Visual na UFG/FAV, especialista em Docência do Ensino Superior, graduado em design e técnico em cinema. Atuou profissionalmente com cinema e fotografia, pesquisa o cinema documental e sua relação com as mídias digitais.